



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

## **DIDÁTICAS INTERCULTURAIS: DANÇA E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA**

Nicholy da Costa Souza - UFRN

### **RESUMO**

O presente trabalho consiste em um ensaio teórico, no qual objetiva-se propor uma nova abordagem acerca do diálogo entre a dança e a educação (ensino de ciências), partindo de uma compreensão intercultural. Pautada na perspectiva de que a soma das subjetividades e singularidades consiste em uma riqueza, sendo encarada enquanto potência construtora de recursos. Bem como, no entendimento que essa teia de complexidade está intrinsecamente conectada à uma educação que pensa os direitos à expressão individual e entende o espaço escolar enquanto múltiplo. Os resultados parciais indicam que as interações didáticas entre as culturas são possíveis de mesclarem-se em melhor proporção, possibilitando novos desdobramentos para o ensino nas suas vias de perspectivas e conteudista.

**Palavras-chave:** interculturalidade, dança, educação científica.

### **INTRODUÇÃO**

Diante da compreensão de que o espaço escolar é promotor de um crescimento individual, mas também coletivo, que se propõe a gerenciar uma construção cidadã responsável para com todos os envolvidos (Praia; Gil-Pérez; Vilches, 2007; Sasseron, 2019), torna-se indispensável observar a escola munido de um olhar atento para as implicações imbuídas nas escolhas educacionais. Analisando, por exemplo, a vertente da educação científica frequentemente assumida em sala de aula é possível identificar lacunas e distanciamentos na compreensão do próprio fazer científico. Produzindo ruídos na construção do relacionamento entre cidadãos não especializados e a comunidade científica e, conseqüentemente, interferindo no acesso dos primeiros a um certo repertório de conhecimentos (Cachapuz, 2016).

Nesse sentido, problematizar a construção do universo científico dentro do contexto da sua natureza, dialoga diretamente não só com a compreensão e acesso genuíno dos seus conteúdos, como também perpassa camadas mais práticas da teia social, como escolhas de cunho individual e coletivo. Sendo esse movimento de reflexão crítica não só do conteúdo mas da forma como a produção e natureza da ciência é explicado nas salas de aula, um fator extremamente relevante na esfera social.

Ainda refletindo a respeito das peculiaridades intrínsecas ao espaço escolar, adentrar a multiplicidade de subjetividades e as possibilidades de diálogo entre culturas, constituem outras vias pertinentes de pensar o ensino e seus espaços. (Candau, 2012; Candau; Russo, 2010) nos



aponta que a percepção dessas subjetividades é constantemente lida enquanto diferenças enfraquecedoras do movimento de ensino-aprendizado, sendo a inviabilização dessas expressões a medida continuamente adotada desde o período colonial. Dentro desse contexto, a interculturalidade se apresenta enquanto alternativa à homogeneização e monocultura estabelecida atualmente, se aproximando de um modelo educacional de “cruzamento de culturas, fluido e complexo, atravessado por tensões e conflitos.” (Candau, 2020, p.36), o qual potencializa as particularidades de seus sujeitos enquanto potencia pedagógica.

Abraçando as várias culturas e saberes, o espaço escolar parte de um movimento de respeito aos direitos humanos, permitindo que a expressão dos indivíduos se faça em sua totalidade e complexidade (Candau, 2012). Assim como, libertando a dinâmica a qual o ensino é gerido e proporcionando espaços para processos de empoderamento e de construção de autonomia. Pensando nisso, aproximar a cultura científica de outras culturas, viabiliza não somente a multiplicidade presente na escola, como proporciona compreensões mais próximas ao real universo científico (Severo, 2018).

Dentro desse contexto, dialogar com outras linguagens/expressões, tais como a dança, oferece um novo acervo de possibilidades, uma vez que expressões de variadas culturas já se fazem presente dentro da multiplicidade. Nesse sentido, a dança potencializa aproximações, sendo seu acesso ao corpo uma ponte particularmente pertinente dentro do cenário do ensino, tendo em vista que o corpo sustenta a própria experiência cognitiva (Ponty, 1999). Ancorando não só a nossa presença no mundo como tecendo a nossa individualidade e proporcionando conexões com os demais universos.

Para além desse aspecto, os corpos são normalmente acessados e percebidos dentro do ensino enquanto formas segmentadas e distanciadas daqueles que o estudam (Silva, 2010). Encarado como conjunto de células, sistemas ou alvos de doenças, permanecem em um local gerido por uma lógica que o despe de humanidade e do experienciamento da vida. Tornando o olhar para o corpo e seus movimentos de expressão, uma maneira de incluir uma nova lente (regida pelo diálogo) de construção do conhecimento. Dentro de uma compreensão de que, a dança, esse braço da cultural artística, emerge e acessa uma sensibilidade corporal.

Compreendendo as potencialidades da interculturalidade enquanto via de combate a uma postura de compartimentalização, o presente estudo objetiva analisar e tecer diálogos entre esses conceitos de forma a construir novos alicerces e abordagens. Ancorados na construção de uma ciência de e para todos.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho caracteriza-se por apresentar uma natureza ensaística/teórica, sendo construído a partir da perspectiva da interculturalidade. Enquanto procedimento metodológico, é norteado pela leitura analítica crítica dos seguintes eixos referenciais: interculturalidade (Candau, 2020, 2012; Candau; Russo, 2010; Severo, 2018) ; educação científica (Cachapuz, 2016; Praia; Gil-Pérez; Vilches, 2007; Sasseron, 2019) e corporeidade (Ponty, 1999; Silva, 2010).

Partindo do diálogo entre esses eixos, os resultados construídos se estabelecem dentro dos eixos: (1) interculturalidade e educação científica e (2) dança e educação científica, que se costuram dentro do cenário educacional adentrando novos espaços críticos-reflexivos.

## **INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA**

Compreender a polisemia da existência humana nos direciona a estabelecer melhores práticas em espaços de convivência, assim como, interagir de maneira mais coerente com a natureza diversa que nos é intrínseca. (Candau, 2020; 2012) nos alerta sobre a necessidade dessa compreensão, quando argumenta a respeito da abordagem ao diferente em sala de aula, atualmente encarada enquanto ponto de fragilidade e não como “elemento de construção da igualdade” (Candau, 2012, p.239). Para além da garantia a um direito humano, a autora nos informa que a valorização da diversidade influencia nos níveis de aprendizado, uma vez que os níveis de práticas discriminatórias é inversamente proporcional às médias observadas no Prova Brasil.

Dentro desse contexto, é interessante refletir o potencial dos atravessamentos orgânicos e inatos já presente no espaço escolar. Tendo em vista que essas expressões culturais apagadas se constituem em pontes de conexão com o conteúdo que promovem sentido e aproximação com a complexidade dos indivíduos. Sendo a compreensão de que a própria cultura científica não precisa dar conta de todo o alicerce de sustentação dos conhecimentos vistos na escola, uma prática apoiada na ideia da interculturalidade. Uma vez que nenhuma cultura é capaz de portar a completude da multiplicidade dos sujeitos (Santos, 2006).

Nessa perspectiva, complementarmente a preocupação de permanecer fiel a natureza dos indivíduos, há o respeito aos elementos com os quais os pesquisadores e educadores trabalham (os conteúdos e sua produção). Perpassando a necessidade de perceber e aproximar as ciências ensinadas em sala da real natureza da cultura científica. Essa, introduz uma noção que acompanha a lógica da interculturalidade, uma vez que “contempla os seus aspectos



culturais, éticos e políticos.” Ao mesmo tempo que “Recusa a lógica da monocultura da ciência moderna.” (Santos, 2009, p.532). Indo na contramão de modelos de universalização da razão e cooperando com a construção cidadã coerente com um coletivismo.

## **DANÇA E EDUCAÇÃO CIENTÍFICA**

Mergulhando em vias de conexões interculturais, adentramos o espaço da dança. Uma expressão cultural propulsora do pensar corporeo e do movimento, a qual impregna-se de uma subjetivação e singularidade associada fortemente ao meio sociocultural. Aspecto esse fundamental para proporcionar aproximações com os conteúdos observados no ensino da biologia (Silva, 2010).

Mudar de direção nas propostas de ensino pode significar novos conhecimentos sobre as culturas, assim como novas proposições de lentes de percepção do próprio fazer científico. Viabilizando, por exemplo na biologia, novas vias de relação com o corpo, frequentemente pensada dentro de uma abordagem dissociada do indivíduo que a aprende. Dessa forma, constroem-se novas possibilidades de aprendizados, abordagens e contatos.

Ampliar a relação entre a ciência e arte, contribui na recuperação da multireferencialidade do conhecimento, dentro de uma proposta não hierárquica (Cachapuz, 2020). Compreendendo que essas culturas tratam de conhecer e investigar o mundo, dentro de lógicas investigativas diferentes mas interseccionadas pela motivação (Cachapuz, 2020).

Dentro desse debate, cabe ainda tecer construções acerca do significado de carregar essa conversa para os espaços sociais. Sendo a promoção e o enriquecimento do alcance desse diálogo, uma ação de penetração na malha social, viabilizada pela perspectiva da divulgação científica. Essa, enraiza-se em um papel fundamental dentro da sociedade, uma vez que gere e representa necessidades e crescimentos a uma grande gama de agentes sociais (Massarani; Moreira, 1967).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise realizada até o momento, permite constatar uma limitada variação de abordagens relacionadas a aproximação entre dança e ensino de ciências. Demonstrando que trata-se de uma temática pouco explorada dentro das suas potencialidades. Dentro desse contexto, a pesquisa dá início a novos caminhos de fazer didático ao pensar formas de conhecimento que proporcione novos pontos de vista, bem como, novos conhecimentos dentro



XXII ENCONTRO NACIONAL DE INVESTIMENTOS EM EDUCAÇÃO  
da sala de aula. Investindo em uma educação pautada em uma interação mais orgânica e dialógica.

## REFERÊNCIAS

- CACHAPUZ, A. Arte e ciência no ensino interdisciplinar das ciências. **Revista Internacional de Pesquisa em Didática das Ciências e Matemática**, v. 1, p. 1–19, 2020.
- CACHAPUZ, A. F. Cultura científica e defesa da cidadania. v. 35, n. 1, p. 3–12, 2016.
- CANDAU, V. M. Didática, Interculturalidade e Formação de professores: desafios atuais. **Revista Cocar**, v. 8, p. 28–44, 2020.
- CANDAU, V. M. F. Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos. **Educação e Sociedade**, v. 33, n. 118, p. 235–250, 2012.
- CANDAU, V. M. F.; RUSSO, K. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. **Revista Diálogo Educacional**, v. 10, n. 29, p. 151–169, 2010.
- MASSARANI, L.; MOREIRA, I. de C. **Pesquisa em Divulgação Científica**. 1967-. ISSN 1098-6596. v. 6
- PONTY, M. M. **Fenomenologia da percepção**. 1999.
- PRAIA, J.; GIL-PÉREZ, D.; VILCHES, A. O papel da natureza da ciência na educação para a cidadania. **Ciência & Educação**, v. 13, n. 2, p. 141–156, 2007.
- SASSERON, L. H. Sobre ensinar ciências, investigação e nosso papel na sociedade. **Ciência & Educação**, v. 25, n. 3, p. 563–567, 2019.
- SANTOS, B. de S. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. 2006.
- SANTOS, M. E. V. M. dos. Ciência como cultura: paradigmas e implicações epistemológicas na educação científica escolar. **Química Nova**, v. 32, n. 2, p. 530–537, 2009.
- SEVERO, T. E. A. Sobre la noción de onivoría de las ideas - experiencias de un músico profesor de ciencias. **Revista Paradigma**, v. XXXIX, p. 175–189, 2018.
- SILVA, E. P. de Q. **A invenção do corpo e seus abalos: diálogos com o ensino de biologia**. 2010. 76–99 f. 2010.